

CONFERÊNCIA

SOBREVIVÊNCIA DA ANTIGUIDADE NA GEOGRAFIA HUMANA DA FRANÇA (1)

O tema desta conferência pertence à geografia humana antiga, mas, apesar disso, a quase todo o instante teremos de nos referir às realidades atuais. É, que os velhos países da Europa Ocidental, e particularmente a França, se caracterizam pela presença constante das intenções e das preferências de seus antigos habitantes, sensíveis nos traços vigorosos, nítidos e vivos que deixaram gravados sobre o solo; traços esses que, sem dúvida, exercem ainda influência sobre o curso dos acontecimentos históricos.

Limites de circunscrições, grandes ou pequenas, disposições agrárias, traçados de estradas ou caminhos, localização de cidades e de aldeias, todos esses fatos de que dependem, em grande parte, as possibilidades de ação dos homens de hoje, são muitas vezes o efeito de disposições tomadas para fins hoje esquecidos, por homens de há quinze, vinte ou mesmo mais séculos.

Seria necessário, com efeito, que pudéssemos remontar muito alto no passado, até à aurora dos tempos históricos, aos tempos anteriores à conquista da Gália pelos romanos, para assistir a construção dos primeiros alicerces da geografia humana atual da França.

I — OS “OPPIDA” GAULESES

Os mais antigos dados históricos utilizáveis para tal estudo referem-se à Gália nos séculos imediatamente anteriores à conquista romana; apresentam êles esse país com o aspecto de um agregado de pequenos povos, unidos por um laço federativo muito frouxo.

Da maioria dêles, conhecemos pelo menos os nomes, muitos dos quais ainda vivos na nomenclatura geográfica francesa, sob formas tais como Vexin, Artois, Berry, Touraine, Anjou, Poitou, Limousin, Quercy, Périgord. Eis a primeira das sobrevivências antigas que

(1). — Conferência proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O texto francês foi revisto pelo autor e traduzido por E. Simões de Paula.

encontramos na geografia humana atual da França: tais nomes de províncias francesas, mais antigos que o próprio nome da França, são, em grande parte, designativos de povos gauleses.

Podemos, sobre a carta, traçar aproximadamente os limites das regiões habitadas por esses povos, e marcar o local de todas suas capitais. E isso será suficiente para ressaltar algumas de suas preocupações dominantes.

Em regra geral, a parte central do território ocupado por cada um deles é uma gleba de boas terras para cereais, de fácil amanho em todas as estações. E' sobre esse solo favorável que se abre, provavelmente, desde o início da agricultura, uma clareira cultivada.

Os cinturões florestais que delimitam essas clareiras correspondem, mais ou menos, aos terrenos tidos por impréstáveis ao cultivo. Constituem, geralmente, as fronteiras dos povos gauleses. Fronteiras espessas, que opõem sérios obstáculos às comunicações e que, por isso mesmo, foram durante muito tempo consideradas como defesas indispensáveis. No tempo de César ainda havia na Germânia — nós o sabemos por uma curiosa passagem dos *Comentários* — povos que procuravam isolar-se de seus vizinhos por largas coberturas florestais, julgadas indispensáveis à sua segurança. Na própria Gália, se a preocupação de apoiar as fronteiras em espaços incultos não aparece nos textos, ela é muito claramente atestada, como logo o veremos pelo aspecto com que se apresenta ainda hoje, em nossas boas cartas, o que constituía outrora o âmbito de uma *civitas* (2) gaulesa.

São também as preocupações de defesa e de isolamento que orientam a localização das capitais dos pequenos estados da Gália independente. Essas metrópoles ocupam, em geral, sítios de difícil acesso, na maioria das vezes promontórios com vertentes abruptas, determinadas pela confluência de dois vales, ou outeiros isolados que coroam tratos elevados de rocha dura ou, ainda, ilhas fluviais, terras emersas nos pântanos. E' visível, com efeito, a idéia de fortaleza que predomina no termo **oppidum**, empregado por César para designar as metrópoles das tribos gaulesas.

A função primitiva do **oppidum**, função anterior ao aparecimento da vida urbana, é de oferecer aos habitantes de um distrito agrícola, mais ou menos extenso, asilo de fácil defesa, capaz de acolhê-los em momentos de perigo, com suas famílias, seu gado e suas provisões de grão.

(2). — No texto francês cit. Essa palavra designava antigamente um Estado, um povo com todas suas dependências, uma república. César deu o nome de *civitates* aos diversos Estados da Gália; *civitas* foi, por excelência a metrópole, a capital (*civitas Aedunorum*, *civitas Lingonum*, etc.). Por outro lado, *civitas* foi também o nome pelo qual se designava nas Gálias e nas duas Germânias, os agregados de cidadãos romanos providos de instituições municipais, e as quais se davam alhures o nome de *municipes*. Por aí se vê como a palavra *civitas* foi utilizada também pelo conquistador. Na Idade Média, *cité* designava a parte antiga da cidade (*Nota do tradutor*).

Quando o inimigo ameaça, a preocupação imediata das populações gaulesas é de procurar refúgio nos oppida mais próximos. Há no *De Bello Gallico*, sobre esse assunto, algumas frases muito expressivas como, por exemplo, a seguinte:

“... a cavalaria romana lançou-se sobre os bituriges (trata-se dos habitantes do Berry) antes que tivessem eles tempo de refugiar-se nos oppida...”

Ou então esta outra:

“... com o anúncio da aproximação de César, a colheita de trigo, que não tinha sido ainda trilhada, é recolhida dos campos e levada para os oppida...”

Aquilo que dissemos a pouco, por não encontrarmos na língua francesa um termo apropriado, a capital de um povo gaulês não é outra cousa que o principal dos oppida utilizados por êle, aquêlo que foi reconhecido como sendo o mais eficaz devido a sua situação central, a amplitude de suas dimensões e eficiência de suas defesas. Aí está abrigada a divindade tutelar da tribo, e para o culto dessa divindade celebraram-se, sobre o oppidum, reuniões periódicas por ocasião das quais funciona um mercado. Ao lado desses mercados, artesãos, caldeireiros, oleiros ou fabricantes de armas instalam suas oficinas; forma-se uma pequena aglomeração artesanal e, conseqüentemente, fixa-se o primeiro estádio da evolução que dará à fortaleza natural, o aspecto e as funções de uma cidade. Na época da conquista romana, um dos oppida mais consideráveis da Gália, Bibracte, capital dos éduos, não tinha ainda atingido esse estádio, como nos mostram as escavações arqueológicas que se fizeram nos meados do século passado.

A chegada de César, essas metrópoles, que conservavam seus aspectos de fortaleza natural, com espessas defesas florestais a proteger a periferia dos territórios cultivados, refletiam, com precisão, a vida confinada, inquieta e tôda preocupada com a defesa local, como fôra a dos povos da Gália no início dos tempos históricos. Mesmo atualmente, as sobrevivências dessas épocas longínquas são ainda perceptíveis. Examinai as nossas cartas geográficas. No caso de Bourges, velha capital dos bituriges, não são os declives abruptos que protegem a cidade (as colinas do Yère e do Auron são de fraco relêvo) mas os pântanos, os pântanos de que César, nos seus *Comentários*, reconheceu o alto valor defensivo.

Nos arredores mesmo de Paris, numa região onde se poderia temer que a intensidade da vida medieval e moderna tivesse apagado mais completamente que alhures as sobrevivências da geografia antiga, as fronteiras da civitas gaulesa dos Parisii estão ainda nitidamente marcadas, sobre a atual carta organizada pelo Estado-Maior, por uma orla de bosques que separam a clareira de Paris das que dependiam dos oppida vizinhos de Senlis e de Beauvais.

Certos **oppida**, como o de Alésia, célebre pela derrota que aí sofreu Vercingétorix, deixaram de ser habitados durante a Alta Idade Média. Mas outros, como Poitiers ou Langres jamais abandonaram o seu papel de capitais regionais e são, ainda hoje, cidades de muitas dezenas de milhares de habitantes. Se essas aglomerações modernas, cuja formação não poderia ser prevista no tempo da Gália independente, cabem com largueza no perímetro dos antigos **oppida** gauleses, é que foram êles organizados com a largueza suficiente para servir de refúgio, nos momentos de perigo, a tribos inteiras, acompanhadas de seu gado e de suas provisões.

Verdades da França e verdades da Europa: a beleza dos locais que, não raro, ocupam as cidades européias, provém do fato de terem sido, durante um certo período apenas úteis, isto é, adequadas a satisfazer a uma função, a exigências puramente defensivas. Em Segóvia na Espanha, como em tantos outros centros urbanos da mais antiga origem, a fortaleza construída se sobrepõe à fortaleza natural.

Nessas velhas fortalezas pré-históricas, as tradições religiosas são mais duráveis ainda que as muralhas. Quando São Martinho evangelizava a Gália, teve de enfrentar a resistência tenaz de um culto pagão que os turones (habitantes da futura província da Touraine) celebravam sobre o possante **oppidum** de Amboise, o mesmo que, nos tempos pré-romanos, tinha sido seu refúgio principal e sua metrópole. Havia aí, nos diz o biógrafo de São Martinho, um **idolium**, isto é, um monumento religioso não cristão, com o aspecto de uma alta coluna, de magníficas pedras lavradas e perfeitamente ajustadas, **idolium** êsse que continuava a atrair a veneração das multidões. São Martinho conseguiu destruí-lo graças a um auxílio sobrenatural, mas seu biógrafo não nos diz se conseguiu destruir, ao mesmo tempo, o hábito que levava a população dos arredores a se reunir nesse local para celebração de certos ritos. Em geral, êsse hábito se manteve até a Idade Média e mesmo mais tarde ainda; o papel dos propagadores da fé cristã foi de substituir pelo Salvador, pela Virgem ou por qualquer Santo, a divindade pagã primitivamente adorada.

Essas sobrevivências culturais são muito impressionantes no caso em que o **oppidum** deixa de ser habitado, como aconteceu entre os éduos. Esse povo tinha por capital, na época da chegada de César, o forte **oppidum** de Bibracte, dominando de trezentos a quatrocentos metros uma planície alongada sobre a margem oriental do Morvan. Sob o domínio romano Bibracte foi abandonada e, a mais ou menos quinze quilômetros daí, na planície vizinha, uma nova capital foi construída com o nome de Augustodunum — a atual cidade de Autun, — enquanto que a denominação de Bibracte, que se transforma pouco a pouco em Beuvray, resiste na colina abandonada e conhecida ainda hoje por Mont-Beuvray.

Ora, até 1914, manteve-se sôbre Mont-Beauvray um grande feira anual; fato extraordinário sem dúvida, porque, como ponto de reunião para uma feira, essa alta colina, de ladeiras fortemente escarpadas, é um local absurdo. — Para explicar tal reunião de pessoas, somos obrigados a remontar até a época pré-romana, portanto a dois milênios, quando Mont-Beauvray era a metrópole dos éduos. Aí havia, como sôbre outras acrópoles do mesmo gênero, conchaves religiosos que propiciavam concomitantemente a organização de um verdadeiro mercado; o mesmo mercado que antes de 1914 se reunia ainda, anualmente em Mont-Beauvray, ao pé de uma capela consagrada a São Martinho, objeto de devoção popular.

Após a guerra de 1914-1918, quando os mercados de animais, de aves e de grãos, começaram a utilizar-se de caminhonetes-automóveis, o mercado de Mont-Beauvray foi abandonado, por ser de difícil acesso, mas a capela de São Martinho lá está sempre de pé. As escavações arqueológicas, feitas no meado do século XIX, mostram que ela se erigia sôbre as próprias ruínas do templo pré-romano de Bibracte.

Conhecemos poucos exemplos de continuidade histórica tão impressionante como êsse.

II — AS ROTAS TERRESTRES E AS VIAS FLUVIAIS DA GÁLIA ROMANA.

Sôbre o solo gaulês, erigido de acrópoles de flancos abruptos e riscados pelos compactos baluartes florestais, Roma iria construir uma geografia humana de um novo tipo, com base na exploração de um sistema de comunicações, que permitisse percorrer o país de um extremo a outro com o máximo de facilidade e de segurança. Sob êsse aspecto, a geografia física da Gália, e mais particularmente sua rêde hidrográfica, oferecia notáveis possibilidades que, bem antes da conquista, tinham sido aproveitadas pelos mercadores mediterrâneos, cujos informes nos foram transmitidos pelo geógrafo Estrabão.

São as narrativas dos mercadores, com efeito, que na Antiguidade greco-romana fornecem aos autores de descrições regionais, o essencial da sua documentação. Quando César, preparando sua expedição à Grã-Bretanha, quis informar-se a respeito das dimensões dessa ilha e dos povos que a habitavam, apelou para quantos mercadores pôde reunir. Estrabão os interroga, também, para compor sua Geografia, e ouve dêles descrições maravilhosas das facilidades naturais que o relêvo da Gália e sua hidrografia asseguram aos transportes fluviais. É, diz Estrabão, uma disposição verdadeiramente providencial a dos rios da Gália. Situam-se de tal maneira e de tal modo se ligam, que a barca do mercador vai facilmente do Mediterrâneo até os mares setentrionais. Do valê do Ródano, que

oferece à navegação montante um acesso direto e profundo para o interior do Continente Europeu, pode-se atingir, por transbôrdo fácil e relativamente rápido, os cursos superiores do Loire, do Yonne ou do Sena, a partir dos quais o barco descerá ao sabor da corrente até os mares ocidentais.

É um fato bem conhecido, um fato de todos os tempos e de todos os países (as recentes construções de ferrovias no Brasil oferecem um exemplo surpreendente), que a grande via comercial entre as regiões que ela percorre e as regiões que deixa de lado, cria contrastes muito mais profundos e muito mais fortemente acentuados que os decorrentes da diversidade natural dos terrenos.

Tácito, a propósito do Reno, cita a êsse respeito um fato muito pequeno na aparência, mas muito significativo na realidade. Diz êle que, ao seu tempo, a bebida habitual dos germanos êles a fabricavam com centeio, mas que aquêles dentre êles que habitavam as proximidades das margens do Reno (*Proximi ripae*) distinguiam-se dos demais por beber também o vinho comprado aos mercadores. Isso não é, em verdade, um traço característico; mas as diferenças nos costumes separam muito mais eficazmente os homens que as diferenças de possibilidades dos solos que cultivam ou mesmo da temperatura do ar que respiram. Roma levou em consideração essas realidades na estruturação política que realizou na Gália, após a conquista: as vias fluviais navegáveis, e as correntes comerciais que as utilizam, são, de fato, as linhas diretrizes dessa estruturação.

A província chamada Germânia, muito alongada e muito estreita, segue de um extremo a outro o curso do Reno, de maneira a reunir os povoados dos *Proximi ripae*.

A província da Lionesa desmesuradamente longa, ela também, desde Lião, que marca a extremidade sudeste, até o litoral da Armórica, reúne num mesmo conjunto territorial os *Proximi ripae* do Loire e os *Proximi ripae* do Sena.

Entre essas duas grandes províncias territorialmente alongadas a seguir as vias fluviais, a província da Bélgica, ao contrário, cobrindo o que chamamos ângulo morto entre o Sena e o Reno, agrupa tôdas as populações que não podem receber, por transportes fluviais diretos, os produtos comerciais de origem mediterrânea.

Roma, após a conquista, atenuou essa desvantagem lançando através dessa região uma magnífica rêde de estradas sôlidamente construídas, que se irradiam de Reims, metrópole e principal cruzamento das vias romanas da província.

Durante muito tempo, após a queda do poderio romano, as estradas da Bélgica suscitavam a admiração de Alcuino, abade de São Martinho de Tours que, mais ou menos no ano 800, escreve numa de suas cartas:

“Como são retas e planas essas estradas das campanhas belgas, onde o viajante pensa voar para o seu destino”.

A Bélgica, que César assinala como a parte da Gália menos permeável às influências mediterrâneas, tornou-se sob a influência dos romanos, a região das estradas modelares. Mais de um nome actual aí mostra ainda a forte impressão que esses grandes caminhos, pavimentados e rigorosamente alinhados, causavam sobre a população rural, quando elles já tinham um milênio.

Os homens da Idade Média, que não mais viam construir as grandes estradas e que não imaginavam o que poderiam ser tais emprêsas, attribuíram a construção das vias romanas a entidades fabulosas, algumas vezes ao próprio Diabo, e, de modo geral, não se sabe bem porquê, à rainha Brunhilde (Brunhaut). Os camponeses do norte da França designam correntemente, ainda hoje, com o nome de **calçadas de Brunhaut** ou **calçadas de Brunau** os restos das vias romanas. Mas a Antiguidade romana revive mais intensamente sobre as nossas vias fluviaes.

Até o século do vapor, isto é, até o aparecimento dos meios de transportes usuais dos nossos dias, elles pouco divergiam do que tinham sido na Antiguidade; o comércio fluvial reapareceu quanto o poder real tornou-se bastante forte para assegurar a paz interna. Surge então uma organização análoga à descrita pelos documentos galo-romanos.

Chalons-sur-Saône e Orleans, predestinadas pela sua situação geográfica a estabelecer contactos entre a navegação fluvial e a circulação por terra — e já assinaladas por César como pontos de comércio em que se tinham estabelecido cidadãos romanos, — continuam a marcar, até o século XIX, duas articulações essenciaes da nossa rede de navegação e devem a seu tráfico de transbôrdo uma animação que maravilha os viajantes.

As antigas associações de **Nautas** reaparecem, sob outros nomes, desde os últimos séculos da Idade Média. Em Paris, os mercadores d'água, cujos membros exercem as mais altas funções municipaes, sucedem aos **Nautae Parisiaci** do I século da nossa era, enquanto que a companhia de mercadores, frequentando o rio Loire, dá continuidade, a partir do século XIV, às associações de **Nautae Ararici et Ligericí**.

A idéia mesmo, que sob o Império Romano tinha inspirado a criação da província da **Lionesa**, reaparece em 1520 no texto de um ato de Francisco I, onde se diz que o Loire vai “desde Lião até a Bretanha”. A palavra Loire designa visivelmente não o rio em si, mas a corrente commercial que utilizava o rio.

O testemunho dos dialetos picardos e dos dialetos franceses

Mas o mais notável é encontrar na França actual vestígios dêsse antigo **Belgium**, do qual César, nas frases iniciaes dos seus **Comentários**, sublinhava a individualidade vigorosa, e mais admirável ainda aos nossos olhos, porque não corresponde elle a nenhuma das nossas regiões naturaes.

Há na geografia atual da Europa Ocidental uma realidade humana que, ao norte de Paris, se sobre põe mais ou menos exatamente ao **Belgium** de César e à **Bélgica Romana**. É um grupo de dialetos populares, um conjunto lingüístico fortemente original que se estende de Senlis, a 45 quilômetros somente ao norte de Paris, até Liège, a pouca distância aquém do Reno, deixando à província da **Lionesa** os habitantes ribeirinhos do Sena e à província da **Germânia** os habitantes ribeirinhos do Reno; a província romana da **Bélgica** estendia-se também desde Senlis, inclusive, até além de Liège, englobando tôdas as populações do ângulo morto, não beneficiadas diretamente pelo tráfico dos dois grandes rios.

Mas antes dos habitantes da **Bélgica romana** viveram, nos mesmos limites, os belgas da **Gália independente** que, nos informa César, diferiam dos outros gauleses pela língua — **Lingua differut**.

Ora, os habitantes rurais da região entre Senlis e Liège falam hoje ainda dialetos que os distinguem do resto dos franceses, o que se costuma chamar, em França, de dialeto picardo.

A palavra **Picardia** originalmente designa não um certo território, mas uma unidade lingüística, com conjunto de dialetos aparentados. No século XIII, Liège é considerada como participante da **Picardia**, e o que se chama na Universidade de Paris a **Nação Picarda**, é o grupo de estudantes que falam o picardo. Esse dialeto picardo manteve-se até o presente, vivo e inteiriço, a ponto de um parisiense, transportado aos arredores de Amiens ou de Cambrai, nada entender da linguagem da gente do campo.

Notáveis afinidades lingüísticas subsistem ainda entre as populações que vivem nos limites aparentemente absurdos dessa província romana da **Lionesa**, tão bizarramente alongada de Lião à **Bretanha**. É um fato fácil de perceber-se que, desde o baixo vale do **Saône** até a **Bretanha**, de língua francesa, passando pelas regiões do **Loire**, predominam os dialetos rurais, estreitamente aparentados uns com os outros, sendo como são, dialetos propriamente franceses.

A 600 quilômetros de distância um camponês dos arredores de **Chalon-sur-Saône**, ou de **Autun**, e um camponês dos arredores de **Rennes**, entendem-se imediatamente. O ouvido menos exercitado percebe, aliás, que seus acentos são vizinhos, muito mais vizinhos mesmo que o acento de um parisiense e o acento de um camponês dos arredores de **Beauvais**, a menos de 100 quilômetros um do outro.

Nada na história medieval ou moderna da França pode explicar essas diferenças ou essas afinidades.

Para atingir uma realidade histórica que possa ter alguma relação com esse fato, é necessário remontar à descrição da **Gália** feita por César e à expansão comercial de Roma em direção aos mares ocidentais e setentrionais.

III. — ROMA E A VITÓRIA DA VINHA NA GÁLIA

Ao longo dessas vias de comunicações, naturais ou contruídas, que formavam a armadura das províncias romanas, propagou-se uma civilização que conhecemos sobretudo pelas construções monumentais, templos, aquedutos, anfiteatros mas esquecendo-nos muitas vêzes que ela transformou o aspecto dos campos gauleses.

Há sem dúvida alguma um tipo de paisagem rural que é caro aos romanos, que representa para êles o quadro fora do qual concebem difficilmente que se possa gozar a vida. Essa paisagem é uma paisagem de vergéis. Seu elemento essencial é a árvore plantada. Nas regiões submetidas ao seu domínio, os romanos adotaram tanto quanto o permitia o clima, uma agricultura eclética em que o produto de árvores frutíferas, as vinhas, as oliveiras, as figueiras equiparavam-se ao produto das searas.

Tanto pelos historiadores árabes, como pelo testemunho de fotografias aéreas que nos revelam os traços de antigos olivais, anteriores às invasões muçulmanas, sabemos que os romanos fizeram da África do Norte um vasto vergel.

“Tôda a região desde Trípoli até Tânger, escreveu um analista árabe, era um único bosque e uma sucessão continua de aldeias.

Os próprios romanos nos informam sôbre a impressão de deserto que sentiam em presença de regiões que não possuíam o adôrno das árvores plantadas, uma região onde não crescesse nem a vinha, nem a oliveira, nem as árvores frutíferas:

“Ubi Nec Vitis Nec Olea Nec Poma Nascuntur”.

Assim se exprime um personagem dos diálogos de Varrão para representar, aos que o escutam, tudo que podia ter de estranho, aos seus olhos, as paisagens do norte da Gália. É Tácito, para fazer seus leitores medir o abismo que os separava do mundo germânico, quem escreve estas quatro palavras:

“Sola Terrae Seges Imperatur.”

Pede-se à terra sòmente grãos; entende-se por isso: cultiva-se sòmente cereais não como em nossa pátria, ao mesmo tempo cereais e árvores frutíferas.

Mas a vinha, a figueira, a oliveira são vegetais mediterrâneos, e a França não goza do clima mediterrâneo senão sôbre uma fraca porção de seu território. Ela tem mais de 3/4 de sua superfície dentro do mundo setentrional, cujo céu é muito frio e muitas vêzes obscurecido pelas brumas para se prestar à arboricultura mediterrânea.

A despeito dessas condições naturais desfavoráveis, os romanos conseguiram uma obra prima que foi a implantação da vinha na Gália, e não somente da vinha, mas da viticultura comercial. Eles descobriram ou organizaram um delicado trabalho de seleção de variedades de vinhas, bacêlos (3) como dizemos, capazes de frutificar sob o clima da Gália não mediterrânea e de produzir aí vinhos de qualidade.

Somos obrigados a ignorar a história das pesquisas e das experiências que prepararam essa grande vitória. O naturalista Plínio-o-Antigo, que escreveu mais ou menos em 70 da nossa era, nos fala somente de bacêlos novos que foram aclimados ao longo do vale do Ródano, ao sul de Lião, onde deram admiráveis resultados, bacêlos que eram ainda completamente desconhecidos pelo poeta Virgílio, morto 90 anos antes, em 19 a. C.

Os anos imediatamente anteriores ao nascimento de Cristo e as primeiras décadas da era cristã assistiram, em viticultura, descobertas decisivas que preparavam um dos elementos mais duráveis da fortuna francesa. Plínio nos dá ainda o nome e o característico sumário de dois pelo menos desses bacêlos, que permitiram o sucesso da viticultura gaulesa. Um, que ele chama *Beturica*, resiste bem aos ventos chuvosos; o outro, chamado *Alobrógico*, não teme os grandes frios. Assim armada, a viticultura romana pôde, desde o primeiro século de nossa era, afrontar a luta contra os dois principais perigos que a ameaçam sob o céu da Gália não mediterrânea: a umidade do clima marítimo e as geadas do clima continental.

Em nossos dias, no vinhedo de Bordéus, que é o mais importante dos nossos vinhedos atlânticos, o povo emprega para designar o bacêlo local o termo *Bedure*, cujo parentesco com *Beturica* é evidente.

O nome *Alobrógico* não é mais representado na nomenclatura vitícola atual, mas suas propriedades, que conhecemos pela descrição de Plínio, são idênticas às da nossa *Pinot*, que produz hoje os melhores vinhos da Borgonha.

Se o termo *Alobrógico* não deixou descendência, ao menos tem o interesse de nos orientar para uma região definida. Os *alóbroges*, na Gália romana, habitavam a leste do Ródano. São populações alpestres. Ora, foi tentando crescer sobre as encostas dos Alpes que a viticultura mediterrânea fez a experiência dos climas frios e os ensinamentos dessa experiência muito contribuíram para encontrar-se o método, graças ao qual a viticultura romana conquistou a Gália.

Ao menos as regiões sub-alpinas forneceram a essa viticultura um admirável utensílio que, sem modificações, chegou até a época presente, porque havia desde então atingido seu completo aperfeiçoamento: queremos falar do tonel de madeira, feito de ripas de

(3). — No texto francês *cépage*. Traduzimos por bacêlo, do latim *bacillum*, vara tirada de uma vide velha para formação de planta nova; vinha nova, videira brava para enxertia (Nota do tradutor).

carvalho reunidas. Plínio diz expressamente que, no seu tempo, esse recipiente estava em uso na região dos Alpes, circa Alpes.

Desde o primeiro século da nossa era pois, vinhedos adaptados aos climas frios se espalharam através da Gália, mas seguindo eixos bem definidos que não são outros senão as vias fluviais ou as grandes estradas terrestres (mas sobretudo as vias fluviais) utilizadas pelo comércio romano. A formação desses vinhedos foi sobretudo onerosa, muitas vezes tornou-se necessário, para os proteger, escavar o solo das encostas. Além disso, são de exploração custosa, porque tais vinhedos setentrionais exigem muito mais cuidados que os da zona mediterrânea. A empresa não é viável se o produto não proporciona venda lucrativa. Mas, o vinho para ser vendido a bom preço deve ser exportado para os mercados das regiões não vitícolas, e seu transporte não é dos mais fáceis. Mercadoria pesada que reclama, quando em quantidades comerciais, veículos de grande capacidade e vias de comunicações de grande rendimento, rios navegáveis ou boas estradas de planície.

O historiador Diodoro de Sicília descreve o transporte do vinho através da Gália, sobre barcos fluviais, sobre pesados carros nos terrenos planos. Mas, a via d'água, fluvial ou marítima, é muito mais vantajosa e é por isso que os vinhedos procuram sua vizinhança.

Assim se explicam os grandes traços da repartição geográfica dos vinhedos formados pelos romanos na Gália: os do Ródano e os da Borgonha, que no ano 311 (como o prova um texto desse tempo) ocupavam já desde muito tempo o local onde os vemos hoje, assim como os do Mosela e do Reno, extendendo-se ao longo da grande corrente comercial sul-norte que utiliza o vale do Ródano e continua mais ao norte pela Renânia para os Países-Baixos.

Um outro vinhedo, já célebre no IV século, formou-se em torno do porto de Bordéus que, desde a época imperial romana, mantinha relações com as Ilhas Britânicas. A presença nessa cidade de um *Negotiator Britannicus*, atestada por uma inscrição daquela época, é indício claro, entre outros, de tal assertiva.

Essa geografia vitícola antiga faz ressaltar a conveniência de situar os vinhedos comerciais perto das vias fluviais. Mas reconhece-se, aí também, a influência de certas forças morais. A vinha ocupava um lugar de destaque nas preocupações dos grandes personagens da sociedade romana. A vinha de qualidade é, então, um ornamento necessário a todo o domínio de alta classe. O próprio imperador demonstra interesse pessoal pela viticultura. Anualmente reserva 30 dias de férias, assim como os grandes personagens da sua comitiva, para cuidar da sua vindima. Era também muito natural que um patricio da mais alta classe renunciasse à caça para ter bons lucros nos vinhais. Plínio-o-Jovem escreveu a um amigo dizendo-lhe que não tinha tempo nem desejo de ir à caça. Não tem tempo porque deve ocupar-se de sua vindima; não tem desejo porque vê com tristeza que a vindima é escassa.

Essa peculiaridade de hábitos, mantida sem exceções, explica o motivo da localização da residência imperial e das mansões opulentas que lhe fazem cortêjo, para criar um vinhedo em seus arredores.

Tréveris foi, por pouco tempo, a residência de imperadores romanos. E só por isso, essa cidade tornou-se centro de um vinhedo de qualidade, que durou até aos nossos dias. O mesmo acontece em Reims, grande metrópole provincial romana, onde se estabeleceram, no dizer de Estrabão, funcionários da mais alta categoria; conseqüentemente torna-se a cidade um centro de viticultura de escol, cujas tradições foram perpetuadas pelos arcebispos da cidade. A vinha aí merecia cuidados apaixonados, cujo testemunho mais expressivo é a descoberta relativamente recente — ela remonta somente aos últimos anos do século XVII — do processo da “champagnidation”, que deveria levar ao mundo inteiro a fama do vinho fabricado nos arredores de Reims.

Assim pois, os vinhedos do Ródano, do Mosela e do Reno, os vinhedos da Champagne e de Bordéus, os mais sólidos alicerces do nosso patrimônio vitícola francês, foram lançados pelos romanos.

A vinha francesa extra-mediterrânea, aquela cuja formação requereu mais técnica e mais audácia, é um monumento romano, não uma ruína, um monumento que jamais deixou de existir.

IV. — O TESTEMUNHO DA GEOGRAFIA URBANA

A transmissão dessa herança antiga não teria talvez sido possível se, a partir dos últimos anos do III século, as metrópoles da Gália não tivessem sido dotadas de uma armadura material e moral capaz de colocá-las em condições de resistir aos assaltos da bárbarie.

O esforço que foi feito para criar essa armadura pode ser avaliado no plano da maioria das nossas cidades de origem antiga, principalmente no daquelas que conservaram impressionantes testemunhos, tais como a muralha de que se cercou a cidade galo-romana de Caesarodunum (Tours) depois das grandes devastações do fim do III século. Os restos arquiteturais, os tambores de colunas, as pilastras caneladas, os capitéis e as pedras colossais de cantaria que se amontoam, em desordem, na alvenaria dessa muralha mostram que, após a catástrofe, fôra abandonada para sempre a esperança de reconstituição dos belos monumentos edificadas durante a pax romana, e mostram que êsses destroços preciosos serviram ainda para a construção apressada de um muro de defesa de parte da cidade, julgada mais fácil de ser defendida. Lembrança dos tempos felizes e prósperos da mais antiga época romana, um vasto anfiteatro, hoje desconhecido pelos próprios habitantes de Tours, mas cujos traços se vêem ainda sobre as fotografias aéreas, foi incorporado à muralha para constituir o bastião principal. A cidade devia atravessar todo o período das invasões ao abrigo dessa espessa mu-

ralha que, no IX século ainda, resistiu ao assalto dos normandos. Representam essas pedras o sobressalto trágico de uma civilização que se sente ameaçada de morte, e que reúne, em face do perigo, tôdas as suas fôrças materiais e espirituais.

A cidade que se ergue, no IV século, sôbre as ruínas daquela do século anterior, tem já um aspecto medieval. Reduzida talvez a um quarto do que tinha sido antes da catástrofe, cabe inteira num perímetro fortificado, cujo lado maior não tem 300 metros, de contornos ainda aparentes, como o mostram as fotografias aéreas. No interior, eis a armadura espiritual; a Ecclesia, centro de reunião dos cristãos, é o principal dos monumentos da cidade e também o primeiro em dignidade, cujos muros, apoiados na muralha, se encontrarão englobados, mil anos mais tarde, na severa arquitetura da catedral ogival. Foi necessário o prestígio e a fôrça persuasiva de uma religião para manter, através dos séculos bárbaros, as mais nobres conquistas do pensamento antigo.

O interêsse da geografia urbana francesa é de nos dar uma ilustração concreta dêsse grande fato histórico que foi a transmissão do patrimônio espiritual greco-romano à sociedade medieval.

*
*

CONCLUSÃO. A lição dêsse solo carregado de história, eis o que representará, nas vastas federações de povos atualmente em gestação, a eminente e insubstituível contribuição da Europa. Queríamos que essa lição não se endereçasse sômente aos estudiosos, mas que ela se tornasse acessível às multidões e que, a paz mundial estando alicerçada, enfim, em bases duráveis, todo cidadão americano recebesse de seu gôverno os meios de poder, pelos menos uma vez na vida, realizar uma viagem à terra de seus antepassados.

Nosso século científico tem suas insuficiências, e uma delas é de desconhecer a virtude da peregrinação magna, aquela que devemos fazer para retempêro do espírito nas próprias fontes da civilização de que provimos. Os cristãos da Idade Média dirigiam-se a Roma, e daí a idéia de peregrino, que se exprimia com uma palavra derivada da própria designação de Roma: *romieu* ou *romé* no velho francês, *romeiro* em português. Se querermós que a nossa civilização ocidental continui consciente de suas origens, é necessário que o Estado, a cujo cargo está a educação do povo, prepare seus filhos para receber e compreender a lição dos campos de ruínas e das paisagens, de há muito humanizadas, da velha Europa.

ROGER DION

Professor da Sorbonne e da Ecole
Normale Supérieure (Paris).